

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIAO E SCIE NCIA
LITTERATUR E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.

GUIMARÃES 28 DE OUTUBRO DE 1886

O nono anno!

ENCETA hoje a nossa Revista mais um anno; damos pois um passo mais na estrada espinhosa, que ha oito annos vimos percorrendo, com glorias, mercê de Deus.

O acolhimento que tem tido em todo o reino, e em todo o mundo onde portuguez se falla; as bençãos do Venerando Episcopado não só de Portugal, mas do Brazil, que tem caído sobre ella e sobre nós; e ultimamente a Benção Apostolica com que o SS. Padre Leão XIII nos honrou, a toda a redacção e a todos os leitores, prova são do pouco que temos feito, mas da boa vontade que nos anima.

Dispensamo-nos de fazer programma ao vestir de novo as armas, que polidas saíram de cem combates; mostramos os nossos titulos de nobreza, ganhos na refrega dos combates pela Igreja e pelo Papado, e nada mais.

O que faremos, é o que nos ensinaram os antigos cruzados— ajoelhamos antes de entrar no campo da liça, pedimos ao Senhor dos ceos e da terra nos fortaleça com a fé que fez os martyres, com o patriotismo que fez os heroes, e imploramos da Virgem Santissima nos escude com os raios da sua graça.

E depois d'isto, eis-nos no nosso posto. A' lucta, pois, por Deus, pela Patria, pela Igreja e pela liberdade da Cruz á sombra!

A REDACÇÃO.

CARTA ENCYCLICA DO NOSSO SANTISSIMO PADRE LEÃO XIII PAPA POR A DIVINA PROVIDENCIA AOS BISPOS DE PORTUGAL



O PADRE JESUITA LA COLOMBIERE

ção com que Vós e os vossos concidãos tivostes conhecimento da ultima concordata da Sé Apostolica com o reino de Portugal, e da vossa alegria resultante d'este acto, assim por ter sido bem concluido, como porque não ha-de ser de pouca utilidade ao bem publico. — Tal foi, exactamente como Vós o percebestes, o Nosso proposito em todo este negocio, conser-

var para decoro do estado aquillo que os Romanos Pontifices tinham concedido aos vossos Reis, benemeritos do catholicismo, e ao mesmo tempo prover á melhor organização e aos interesses das christandades da India. E este intento na verdade, parece-Nos, que já em parte o conseguimos, e confiamos que na parte restante o havemos de conseguir por mercê e favor de Deus. — Por esta razão a quem fixar com attenção os olhos no tão anciosamente desejado acontecimento, de que estamos fallando, é licito antever no porvir, e não sómente presagiar, mas abertamente conceber segura esperanza de continuar a florescer no vosso Portugal e de ir de dia para dia em progressivo augmento o christianismo, para salvacão do bem commum.

Para que a esta esperanza plenamente corresponda o successo, Nós de certo, assim Deus

Aos Veneraveis Irmãos o Patriarcha de Lisboa e a todos os Arcebispos e Bispos do Reino de Portugal

LEÃO XIII PAPA

VENERAVEIS IRMÃOS, SAUDE E BENÇÃO APOSTOLICA

MUITO agradavel Nos foi a vossa carta collectiva, que no meo passado recebemos, e que dá o mais alto testemunho da satisfa-

Nos seja propicio, lidaremos na dianteira de todos. Mas na vossa episcopal prudencia e vigilancia, no zelo e virtude do Clero, e na boa vontade do povo portuguez, encontraremos sem duvida nenhuma, muitissimo auxilio. E até d'esta tão nobre e tão fertil empreza não deixarão de ser participantes aquelles que estão ao lemo da governacão publica; dos quaes não duvidamos, que aseim como recentemente Nos de-

ram provas da sua sabedoria e equidade, assim tambem Nol-as queiram dar pelo tempo adiante; muito mais que o zelo da fé catholica e o costume do bem merecer da Egreja não é entre os portuguezes desusado ou novo, mas muito antigo e celebrado por longas éras.

Porquanto ainda que Portugal está situado como que na extremidade da península iberica, e n'um circuito de mui acanhados limites, todavia os vossos Reis, o que não é pequena gloria, dilataram os confins do seu imperio pela Africa, pela Asia e pela Oceania a ponto tal, que Portugal não cedeu a nenhum dos mais avantajados povos da terra, e a muitos d'elles sobresaiu. — Mas esse valor que correu parellas com a grandeza d'estas façanhas, aonde havemos de pensar que o foram elles buscar? Na verdade, se rectamente se quizer ajuizar, foi no amor e sentimento religioso. Com effeito nas suas trabalhosas e arriscadas expedições ás paragens de povos desconhecidos e barbaros, consta que o em que a mór parte d'ellos levava rendido o coração, era primeiro que tudo servir a Christo Senhor nosso, que não á propria utilidade e renome, e mais cubiciosos de lançar a semente do nome christão, que não do propagar o seu proprio dominio. Com a imagem expressa das Chagas de Jesu Christo, que era e-se o estandarte popular da nação, costumavam os vossos maiores, como symbolo da sua piedade, e ao mesmo tempo da sua confiança, levar na dianteira das suas armadas e dos seus exercitos a Cruz sacrosanta, para que parecesse que as illustres victorias que ganhavam, e cuja gloria ficou immorredoura, não as deviam tanto ao soccorro das armas quanto ao da propria Cruz. — E esta piedade foi então que resplandeciu grandemente, quando os Reis de Portugal andavam cuidadosamente em busca de varões apostolicos, que chamavam até de nações estrangeiras, os quaes haviam de por ali entrar seguindo as pisadas de S. Francisco Xavier, e mais de uma vez foram pelos Summos Pontifices exultados com os poderes de Nuncios Apostolicos. E foi um dos primores gloriosos dos vossos antepassados o que nunca ha-de perecer, terem sido elles os primeiros a levar a luz da fé christã entre povos remotissimos, e haverem por tão assinalado beneficio ganhado tambem nobilissimamente a benemerencia da Sé Apostolica. — E na verdade nunca os Nossos Predecessores deixaram de dar á vossa nação provas da sua gratidão, de que são testemunho insigne as singulares preeminencias conferidas nos seus Monarchas. Pela parte que Nos toca, todas as vezes que conside-

ramos quão altos feitos obrou um povo não assaz numeroso, alvoroça-se. Nos o coração em podermos tomar dos portuguezes exemplo da grande força que tem a religião e a piedade; e ao mesmo tempo d'envolta com a admiração desperta com mais força a Nossa benevolencia. E assim é, na verdade; e parece-Nos que Vos temos provado de facto ainda ha muito pouco tempo o Nosso affecto; visto que na composição da controversia sobre os negocios da India Oriental, quanto o consentia o dever do Nosso ministerio, houve-Nos liberal e indulgentemente com Portugal. E pois é de justiça corresponder a queia nos faz beneficios, razão temos para Nos promettermos a Nós mesmos muitissimo da dedicacão e facilidade dos regedores do estado. E precisamente confiamos, que não sómente hão-de pôr summo cuidado n'aquillo que foi estipulado, mas de bom grado cooperarão com Noso e tambem com Vosco para reparar os damnos que a Egreja tem soffrido n'esse paiz.

Não é isto de certo materia de pouca monta, especialmente se se attender ás condições do Vosso Clero e das Ordens religiosas, cujos estragos redundaram em detrimento não só da Egreja, mas da propria sociedade, que sentiu terem-lhe sido arrebatados auxiliares prudentes e denodados, cuja cooperação em formar os costumes do povo, em educar a mocidade, e civilisar as proprias colonias segundo as maximas do christianismo, teria podido ser de não mediano prestimo, principalmente hoje que vemos franqueado ás missões um vastissimo campo nos sertões da Africa.

Se consideramos as proprias origens dos males, ajuizamos que a desenfreada impiedade que em tão alto grau prevaleceu no seculo passado, não foi a causa unica d'elles nem a principal. Invadiu ella sem duvida, á maneira de doença contagiosa, tambem o coração dos povos conterraneos, e na sua carreira arrastou consigo grandes estragos; comtudo parece que não anda longe da verdade quem pensa que maior ruina causaram as facções politicas, as discordias civis, e as tempestades das sedições populares. Porquanto não houve forças, nem artificios nenhuns que podessem extinguir ou abalar o amor dos portuguezes á religião, e a sua antiga fidelidade aos Summos Pontifices. Até no meio das tempestades politicas da vossa patria intendeu sempre o povo, que a aliança e concordia dos reinos com a Egreja, é o principio pelo qual cumpre que seja governada a sociedade civil: e d'aqui veiu que o sagrado vinculo da unida-

do catholica não sómente se manteve intacto, mas pela auctoridade e assentimento das leis deu o fundamento á constituição politica. Isto que em verdade deleita o é aprazivel quando se commemora, mostra que o estado do catholicismo, mediante a applicação dos remedios convenientes, pôde não difficulosamente tornar-se muito melhor. Pois as boas sementes conservam o vigor, e estas, se pela constancia e pela concordia das vontades medrarem, darão de si farta colheita dos fructos desejados.

Quanto áquelles que presidem ao governo do estado, cuja acção tão necessaria é para curar os males da Egreja, facilmente hão-de comprehender que, assim como, pela efficacia e beneficio da religião catholica, a fama do nome portuguez subiu a tamanha altura de gloria, assim um só é o caminho azado para atalhar as causas d'esses males, que se cifra em governar constantemente o estado com as normas e com as benções da religião. Por este modo, virá a governação publica a condizer com a indole, com os costumes e com a vontade do povo. Pois na crença catholica assenta a religião publica e legal do reino de Portugal; e portanto é de todo o ponto conveniente, que seja defendida pela proteccão da lei e poder dos magistrados, e que seja publicamente provida de todo o amparo, para sua firmeza, perpetuidade e decoro. Uso legitimamente tanto a auctoridade politica como a ecclesiastica da sua liberdade e acção, e persuadam-se todos, que, como a experiencia de todos os dias o confirma, tão longo está a Egreja de ser inimiga do poder civil, mordida de invejas e competencias, que antes forneca o estado de muitissimos e grandissimos auxilios para o bem do povo e tranquillidade publica.

(Continua)

SECÇÃO RELIGIOSA

O Evangelho Lei das nações

A noção do Estado

Um economista de nossos tempos fez reclame n'um notavel livro, que tinha á disposição de quem lhe definisse o Estado, uma importante quantia de dinheiro como premio de uma tal descoberta!

Que o Estado é de direito uma instituição de ordem publica para o bem estar e a prosperidade commum, com vida propria e necessidades, e devendo como o homem velar pela sua conservacão e des-

envolvimento, todos estão accordes.

Que os mais imperiosos dos direitos inherentes á soberania e á independencia dos Estados, é o direito da sua propria conservação; e que este direito o primeiro de todos os direitos absolutos e permanentes, serve de base fundamental a um grande numero de direitos accessorios, secundarios ou occasionaes, e que é elle que constitue, por assim dizer, a lei suprema das nações, bem como o dever mais sagrado dos cidadãos, todos estão accordes.

Que o Estado é o representante da nacionalidade e da justiça, que é a forma visivel da Patria, que é, emfim, o que ha de mais elevado entre as instituições humanas, todos estão accordes, emfim. Como todos estão accordes por esse mundo além, que o Estado arrogando a si direitos não seus, — isto é, uma vez fóra da sua esphera, não é outra coisa senão a expressão authentica da tyrannia: elle é malleitor, ruinoso e fraco: nada ha que o possa suster, nada ha que o possa amparar.

Todavia, é certo que ainda não caíram accordes as ideias modernas acerca da verdadeira noção do Estado.

Uns reconhecem o elemento divino que está na base d'esta instituição; mas inclinam-se de ordinario a fazel-a uma theocracia e sujeita á dominação clerical.

Outros recusam-se a desmentir o instincto moderno, que reclama como a mais preciosa das liberdades, a de consciencia e de culto; mas desconhecem ordinariamente o principio divino que se acha na base do Estado, e não veem na sociedade civil senão o resultado de um contracto devido a certos motivos meramente utilitarios.

A estas duas opiniões, opporemos a ideia politica, toda christã, de S. Paulo.

A ideia resoluta do Apostolo vae direita ao verdadeiro entre aquelles erros oppostos. D'um lado, S. Paulo limita a missão do Estado a uma esphera puramente physica e terrestre; mas de outro lado attribue-lhe resolutamente n'este dominio um principio e um fim divinos.

Deus quer o Estado tão bom como quer a Igreja.

A servidão do homem pelo homem não quadra com o genio do christianismo; a divisão das relações politicas e civis dos povos, tambem não é conforme a santa e severa doutrina.

O Christianismo admite, pois, a multiplicidade na condição das formas da existencia, porque elle respeita a individualidade dos povos como a das pessoas; elle não é judeu nem gentio, nem aristocrata, nem democrata, nem monarchico, nem republicano; elle não se occupa da forma, mas sim da essencia, e operando sobre a essencia, — isto é, sobre o coração humano, elle reage insensivelmente sobre a forma, para conserval-a racionalmente em harmonia com a essencia das coisas.

Assim se acha, pois, simplificada em grandes traços a verdadeira noção do Estado, e a unica base solidada sobre a qual possa edificar-se a philosophia do direito.

Mas eis, todavia, que nos chega uma objecção de outro lado, mais do que uma objecção, uma sentença dogmatica, que, sem exame especial e replica, destruiria o principio christão que indicamos acima.

Uma classe d'homens dizem ainda: o espirito do christianismo, exclusivamente sobrenatural e celeste, não se propõe, segundo esses homens, senão á salvação das almas privativamente, abandonando as sociedades e as nações, onde todavia as almas se recrutam, á sorte que lhe apraz fazer-se. E esta classe d'homens assentam a sua argumentação, oh maravilha! sobre a auctoridade sagrada da nossa santa Religião, sobre os oraculos do Espirito Santo, que se resumem todos, é verdade, para elles, n'estas palavras de Jesus Christo: *O Meu reino não é d'este mundo!*

Da falsa interpretação d'esta maxima trataremos, em outro artigo, em tempo opportuno.

Portanto, affirmam elles, que a religião nada tem que fazer com os negocios *d'este mundo!* Elles não temem, partindo do extremo opposto, o encontrar se sobre este ponto com os inimigos de toda a sociedade, — isto é, com os anarchistas, e chegar aos mesmos resultados. Porem elles, que representam o liberalismo moderno, distinguem-se dos anarchistas reservando á Religião suas egrejas, mas para ahi encerral-a e tel-a ahi como prisioneira de suas adorações. E' força que me expliquem este novo mysterio!

Esta agora! pois o Christo teria vindo expulsar d'este mundo os deuses das nações só para n'elle dar lugar ao demonio do atheismo e d'elle desapropriar a Divindade? — Teria vindo extrair as almas das sociedades, dissolver por isso estas sociedades que se compõem de al-

mas, e regeitar tanto d'ellas que não respondessem em continente ao seu appello n'um peior centro do paganismo? — Teria vindo dar razão áquelle paradoxo de Bayle, tão energicamente refutado por Montesquieu, que a espiritualidade do Christianismo o torna improprio á sociedade civil e a formação dos Estados? — E ao depois, em fim, Deus, que é incontestavelmente o Rei da natureza, não seria da humanidade, e desde então das nações? Acaso não faz a humanidade parte da natureza, e as nações da humanidade, da humanidade que não é senão nações? Ficaremos por aqui.

Mas emfim a fé, mesmo n'aquelles que elle cega, tem direito ao nosso supremo respeito. Entremos pois na discussão: vamos onde a objecção nos chama, para o terreno sagrado, que desejavamos reservar, mas que não desejavamos parecer evitar.

Mercê de Deus, com isso nada perderemos: é mesmo lá que a nossa these se desdobra.

Não, não é verdade, o Deus do Evangelho não é um Deus Lare, que se deixe degradar para a sombra do domicilio, deixando de ter ingerencia quer no senado, quer no areopágo. Elle é o Deus das nações, a quem ellas foram dadas em herança (1); aquelle que guarda no mais alto dos ceus as redeas de todos os imperios, que muda os tempos, e os seculos: o que transfere, e estabelece os reinos (2). Elle habita no conselho, e é d'elle que vem a prudencia e a fortaleza. Os reis reinam por elle, e é por elle que decretam os legisladores o que é justo, por elle imperam os principes, e os poderosos decretam a justiça (3). E' aquelle *Filho do homem* a quem, na visão prophetica de Daniel dá o reino, e o poder, e a grandeza do reino, que está de baixo de todo o ceu, ao povo dos Santos do Altissimo: cujo reino é um reino eterno, e ao qual servirão e obedecerão todos os reis (4). E' aquelle Senhor Jesus Christo, emfim, que fóra estabelecido juiz dos vivos e dos mortos, e em nome de quem se dobra todo joelho dos que estão nos ceus, na terra e nos infernos (5).

Tal deve ser a pretensão da ver-

(1) P. II, v. 8.

(2) Daniel, II, v. 21.

(3) Proverbios, VIII, v. 14.

(4) Daniel, VII, v. 27.

(5) Dos Philippes, II, v. 10. — Romanos, XIV

dadeira religião. O Christianismo unico a collocou n'estes termos.

Se uma cousa está escripta em cada pagina nos livros sagrados, é precisamente que a Religião é a lei das nações.

J. C. de Faria e Castro.



A educação da mulher

I

ENTRE as condições de que mais essencialmente depende o progresso da especie humana, figura em logar distincto a educação da mulher.

Esta verdade, que ninguem talvez hoje conteste, nem sempre tem sido bem comprehendida.

Disse Mirabeau que sem luzes não ha moral, como querendo dizer que não ha educação sem instrucção, e de feito assim é. Para que a educação seja completa e proficua é necessario que seja encarada debaixo de tres pontos de vista—physica, intellectual e moralmente,—correspondendo estes tres pontos de vista ás tres faculdades da alma—sensibilidade, intelligencia e vontade.

Assim como não podemos comprehender a existencia da alma humana sem alguma d'estas faculdades, tambem não podemos comprehender que haja verdadeira educação sem que se refira ás ditas tres faculdades.

Isto, que se dá a respeito do homem, dá-se igualmente em relação á mulher, porque, apesar de ás vezes a supporem inferior a elle, na sua alma se manifestam os mesmos phenomenos que na do homem. Nem sempre se tem comprehendido assim o que acabo de expender, principalmente no tocante á educação physica: mesmo em relação á educação intellectual e moral os seculos que passaram, deixavam muito a desejar.

De educação physica pôde dizer-se que não se cuidava, mesmo em relação aos homens, e em relação ás mulheres a intellectual e moral eram muito imperfeitas.

Se lhes formavam o espirito, não lhes formavam o coração, e vice-versa: isto é, se lhes illustravam a intelligencia, não lhes educavam a vontade; se lhes educavam esta, não lhes illustravam aquella.

Não se comprehendia que uma faculdade completa outra, e que só por abstracção podemos separar a instrucção da educação, como só por abstracção podemos discriminar a intelligencia da vontade, e estas da sensibilidade, visto que a alma não tem partes, sendo por isso simples e indivisivel.

Entre os judeus não sei se se desse ás mulheres educação litteraria e intellectual.

Nos paizes orientaes e asiaticos foram as mulheres sempre escravas que o senhor encerra n'um palacio, como encerra n'um cofre os seus thesouros; e a degradação a que chegaram não pôde descrever-se sem que o rubor nos suba ás faces.

Nas sociedades grega e romana, tão gabadas pela sua illustração, a mulher não era educada convenientemente.

Se em Athenas brilhavam algumas damas (poucas) pelo seu saber, era quasi unicamente entre as cortezans que esse dote se manifestava.

Instruia-se a mulher unicamente para brilhar nas reuniões publicas, era tida como um objecto de luxo, e não era educada para occupar o lugar digno e honroso que lhe compete ao lado do homem como esposa e mãe: educação moral não a recebia.

Em Esparta a mulher recebia certa educação moral, mas uma educação em que não eram para se invejar as condições da sua existencia meio selvatica, nem dignas de imitação as suas virtudes, entre as quaes não se contava o pudor, e que se limitavam a um patriotismo feroz e a uma sobriedade sem limites.

O viver da mulher romana era um mixto de esplendores luxuorios e de degradação moral. Ella não tinha auctoridade sobre os filhos, nem estes perenciam senão ao pae, e na falta d'elle aos parentes do pae! Enviuvando passava (como os filhos) para a tutela perpetua dos parentes masculinos do marido.

Até lhe era vedado o intervir no governo da casa!

Os direitos da maternidade eram-lhe completamente vedados, e estava debaixo do dominio absoluto do marido, assim como do pae quando era solteira.

A mãe não transmittia aos filhos a herança do avó, a qual ia para os irmãos do mesmo avó com prejuizo dos netos.

Foi necessario que apparecesse o Christianismo para serem reformadas as leis romanas n'este e n'outros pontos, porque se decretou a egualdade dos sexos, formando homem e mulher casados uma só pessoa moral; permitiram-se os casamentos deseguaes; os filhos pela morte dos paes passaram a ser tutelados pelas mães; as mulheres ficavam emancipadas quando chegavam á maioridade; preferiu-se a linha recta á collateral, etc.

Sendo a mulher entre os antigos tão desprezada, que educação se lhe poderia dar?

Que educação lhe poderemos suppor á vista das pinturas que nos fazem os

escriptores antigos das saturnaes, das bacchanaes e dos banquetes romanos?

Poderia ella ter consciencia da sua propria dignidade e do seu valor moral, existindo a polygamia, o repudio, o divoreio e a escravatura, que eram comuns a todas as sociedades pagãs?

No começo da idade media, quando a força constitua o direito, e a occupação quasi unica dos homens era a das armas, não podia brilhar no sexo feminino a instrucção, que os homens desprezavam.

Nas epochas da cavallaria rendia-se certo culto á mulher, mas era um culto desasisado, porque não se cultivava o seu espirito, e não se lhe fazia comprehender o seu valor moral como esposa e mãe.

Desde então até aos tempos modernos a educação da mulher tem-se ido aperfeçoando, mas não tem attingido o grau de aperfeçoamento que demandam as suas faculdades e as necessidades sociais.

Tem-se-lhe dado educação religiosa e moral, mas pouco se tem curado da sua educação intellectual e litteraria, e quasi nada da educação physica.

Tem, é verdade, havido damas instruidas, mesmo entre nós, mas a sua cultura intellectual tem sido a excepção e não a regra, porque a maioria do sexo femenino não tem recebido instrucção.

Só nos ultimos tempos se tem comprehendido bem até onde deve estender-se a educação da mulher: pena é que tanto se tenha abusado da escola romantica e da imprensa periodica, que tem levado muitas vezes ao seio das familias a desmoralisação, em logar da verdadeira instrucção e da moralidade!

A educação da mulher não significa apenas o aperfeçoamento de metade da especie humana; é tambem uma condição necessaria para o aperfeçoamento da outra metade.

Debaixo de tres pontos de vista devemos considerar a mulher: como filha, esposa e mãe. Como filha é (quando bem educada) o encanto da familia, é a poesia que lhe doira a existencia, é o sopro divino que inspira aos seus, e mesmo aos estranhos, os bons pensamentos e as boas acções, e até o heroismo dos grandes feitos em defeza da religião e da patria. E' ella que dá a seus irmãos alentos com que possam conquistar um logar distincto e honroso nos exercicios escolares ou nas lides da industria: é ella que povôa de ineffaveis delicias o viver de seus paes alquebrados pelos annos, pelos trabalhos e pelas amarguras da vida. Tudo isto faz a donzella, mas a instruida e bem educada, porque o encanto que esparge a donzella intelligente, mas sem instrucção, é uma força bruta que o acaso dirige, como o balão que o vento impelle, ou como o

navio que vagueia, quebrado o leme, á mercê das ondas e das tormentas.

(Continúa).

C. D. Grillo.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razao

(Continuado de pag. 213 do 8.º Vol.)

XIII

O estabelecimento do christianismo

O symbolo—*Dispersão dos Apostolos.*—S. Paulo em Athenas. — S. Pedro em Roma.—*Triumphos do christianismo.*—*Moral evangelica.*—*Calumnias dos gentios e dos philosophos modernos.*—*As antigas praticas do culto eram as mesmas que hoje se observam.*—*Perseguições.*

As brilhantes e rapidas conquistas que fez o Evangelho são a maior prova da verdade do christianismo. Os Apostolos composeram um Symbolo com o fim de conservar a unidade nas crenças, e determinaram de commum accordo a liturgia que no essencial uniformisasse o culto, resolvendo em seguida dispersarem-se pelo mundo para ensinar aos homens a moral christã em cumprimento do seu ministerio e segundo os preceitos que lhes dera Jesus Christo.

Desde essa feliz epocha a civilisação recebeu o mais rapido impulso. Mas quem inspirou aos Apostolos o heroismo e a eloquencia de que necessitaram para emprender a sua missão caritativa? «Ide, pois, e ensinae a todas as gentes, baptisando-as em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo,» lhes dissera Jesus Christo, e os seus corações encheram-se do mais santo enthusiasmo. Estas palavras pronunciadas por aquelle homem divino fortalecia-lhes o valor: «Regosijai-vos, expandi a vossa alegria, porque grande galardão vos está preparado no céu... Bemaventurados sereis quando por minha causa vos encham de injurias os homens.»

E um santo regosijo inundou suas almas ao escutarem as bençãos divinas:

«Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vendo as

vossas boas obras glorifiquem voso Pae, que está no céu.»

Electrisam-se estes homens entusiastas, que levam a todo o mundo o evangelho ensinando os judeus e saindo da Asia doze pobres missionarios sem exercito, sem riquezas nem protecção humana, vão exigindo aos mortaes o abandono dos seus vicios e loucuras; e esta religião, que impõe tão grandes sacrificios, estende-se, não obstante, com admiravel rapidez pela humanidade inteira, sem que um exito tão assombroso tivesse parte o interesse das nações nem a politica do mundo.

Marcha para a Phrygia S. Filippe, para a Mosopatamia e para o Egipto S. Mathias; demandam a Persia S. Simão e S. Barnabé, e S. Judas dirige-se para a Arabia, S. Matheus, para a Ethiopia e S. Bartholomeu, para a Armenia; S. Thomaz evangelisa os indios e os partos; S. André no Epiro e na Escitia; S. Pedro visitou a Grecia, permanece algum tempo em Antioquia, passando finalmente á metropole do mundo, e S. Paulo, inimigo furioso da nova religião, torna-se o seu missionario mais ardente.

Não conhecem limites o zelo e a prodigiosa actividade do novo Apostolo, que se encaminha para a Grecia; e em Athenas, centro da cultura e emporio das sciencias e das artes, combateu os erros philosophicos que professavam os sabios do seu Arcopágo, communicando-lhes outra sabedoria mais sublime, a philosophia sancta da religião christã.

Diante da arrebatadora eloquencia de S. Paulo emmudecem aquelles homens de elevado genio e abandonam as suas incertas theorias para seguir outras evidentes e seguras e a sabedoria que resolve d'um modo facil as difficeis questões metaphisicas.

Dissiparam-se as duvidas, e Deus, a sua essencia, a natureza, a alma e a materia, encontraram natural e clara explicação nas doutrinas catholicas; e a Grecia, na qual se cultivavam as sciencias com esmero, adoptou de prompto a religião de Jesus Christo, que aquelle povo illustado não pôde repellir.

O primeiro Papa reservou para si a empresa mais difficil e arriscada. Este humilde pescador houve de ter uma fé extraordinaria e uma resolução heroica para se apresentar em Roma; confiava, porém, nas promessas de seu Mestre; e sem apoio humano, desconhecido e pobre, installou-se na cidade o primeiro

Ponfice, que com o seu braço robusto levantou desde aquelle dia memoravel o throno dos seus benditos successores em frente do solio dos Cezares.

O desconhecido missionario estabelleceu-se na orgulhosa metropole do mundo para combater a torpe idolatria no centro do seu imperio, e arrostando com as iras dos pagãos leva os rigidos costumes da nascente religião ao fóco dos vicios e ensina a temperança e a humildade ao povo mais soberbo e depravado.

Custoso era o sacrificio que tão severa moral exigia aos romanos. O desmedido apego ao luxo e ao sensualismo, em que gastavam todas as suas riquezas, inspirava-lhes tanta afeição aos seus prazeres, como repugnancia e desdem aos gosos puros da nobre caridade; não comprehendia o amor ao proximo aquella ociosa e feroz plebe, que por passa-tempo presenciava os jogos do barbaro amphiteatro, e difficil era ensinar a santa egualdade do Evangelho a uma orgulhosa aristocracia que considerou os escravos não como pessoas, mas como cousas; porém, triumphando do erro a santidade do christianismo, mudaram-se os costumes corrompidos, aquelles altivos cidadãos humilharam-se ante os pobres missionarios de Jesus; e os templos da idolatria transformaram-se finalmente em sumptuosas basilicas christãs.

Eguaes triumphos obtinham os outros Apostolos, sustentando primeiramente uma nobre lucha contra as envelhecidas preocupações dos povos, que apartaram do erro á custa da propria vida sacrificada heroicamente. Tanta intrepidez e tão grande abnegação provam que o espirito divino accendeu o apagado valor d'aquelles homens, que só pelas forças naturaes, não teriam podido intentar similhante empresa; mas a sua constancia, ardente fé e caridade heroica fizeram-nos triumphar de todos os obstaculos, vendo finalmente equiparadas as jerarchias sociaes em face dos principios d'uma moral escripta para o homem sem distincção de castas, honras nem riquezas. E desde a heroica idade do christianismo confundem-se no templo ricos e pobres.

(Continúa)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo



SECÇÃO LITTERARIA

Tumulo d'Egas Moniz, no Mosteiro do Salvador de Paço de Souza, muito perto da Cidade do Porto.

FALTANDO-NOS o tempo para continuarmos a colaborar n'esta Revista, como collaboravamos durante a nossa estada na augusta Braga, nem por isso deixaremos de a auxiliarmos, quando podermos.

Chegaram-nos ás mãos dois pequenos manuscriptos que tem bastante interesse, e por isso julgamos conveniente que sejam publicados o que faremos sem nos responsabilarmos pela veracidade do conteúdo dos mesmos.

Lisboa — setembro de 1886.

Mgr. Alfredo Elviro dos Santos.

Egas Moniz, que uns dizem natural de França, e outros com mais certeza, affirmam que fora natural de Portugal, filho de Dom Munio Viegas, e Dona Velido Troytosendes, e que, além do seu proprio nome de Egas Moniz, também usou o appellido de—Riba do Douro—que indicava o solar de sua casa) foi Ayo do primeiro Re de Portugal Dom Affonso Henriques, cuja educação lhe confiou o Conde Dom Henrique seu Pai. Na era de

1129, cahindo Dom Affonso VII de Leão inopinadamente sobre Guimarães, pondo-lhe apertado cerco, e vendo Egas Monizo perigo em que se achava o seu Principe, e educando, sahio occultamente de Guimarães, e foi conferenciar com El-Rei Dom Affonso de Leão, o qual, debaixo de certas condições, entre ellas a de que Dom Affonso Henriques lhe reconheceria vassallagem, levantou o cerco de Guimarães: não approvando, porém, Dom Affonso Henriques os ajustes que seu Ayo ha-

via feito, como Rei de Leão, foi Egas Moniz, com sua mulher, e filhos, e com barão no pescoço apresentar-se ao Rei de Leão, para soffrer a pena, a que se sujeitara, promettendo o que não podia cumprir; porém este monarcha, vendo tanta honradez, perdoou ao Velho Egas Moniz, e mandou-o para Portugal, aonde falleceu, não sendo concordes os antigos escriptores, na data da sua morte; por-

de Paço de Sousa, que é muito perto da cidade do Porto; e neste sarchofago, se acha esculpido em relevo o facto heroico da sua apresentação, com o barão ao pescoço, e da sua familia, ao Rei de Leão, como acima se menciona.

SECÇÃO CRITICA

As asneiras da «Juventude»

VILLA REAL tem a gloria de possuir um jornalsinho, pequeno como são pequenos os conhecimentos de seus colaboradores, os quaes com ares de sabios, e mettendo os pés pelas mãos escrevem toda a casta de sandices que pode amontoar um espirito analphabeto.

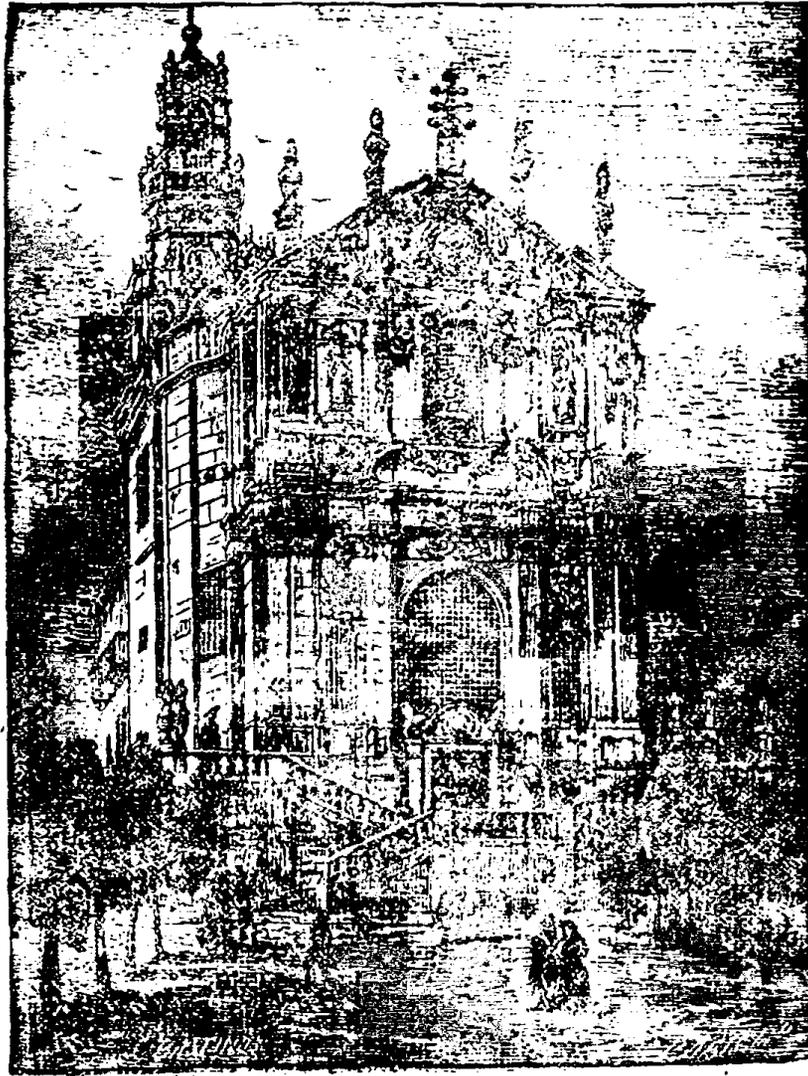
N'um dos seus numeros (da *Juventude*, assim se chama o papete) passados, deparamos, por acaso, com um artigo subordinado ao titulo — *Jesuitas*. Era o II, felizmente, mas por isso que era o segundo artigo era, de certo, o mais preche de disparates, de ignorancia, e de pedantice; porque é pedantice isto de vir para publico dizer asneiras.

O pequeno esfal-fa-se para convidar todos os liberaes do paiz, a unirem-se para a guerra (contra os Jesuitas) que va ser encarniçada. E, continua o joven, se o governo de Portugal, depois de publicado o bre-

ve de Leão XIII, revogar o decreto do marquez de Pombal, não o consinta o paiz que detesta com o mais encarniçado odio, o jesuitismo.

Aqui temos a primeira asneira do joven. Pois como é que o paiz detesta o jesuitismo, se os collegios que se dizem por jesuitas derigidos, estão cheinhos de creanças das primeiras familias do reino? A que chamará o joven, jesuitismo? que terá elle por paiz?

«..... a epocha, continua o joven, é toda de liberdade, e a ninguem é licito oppor-se ao livre curso das ideas. As



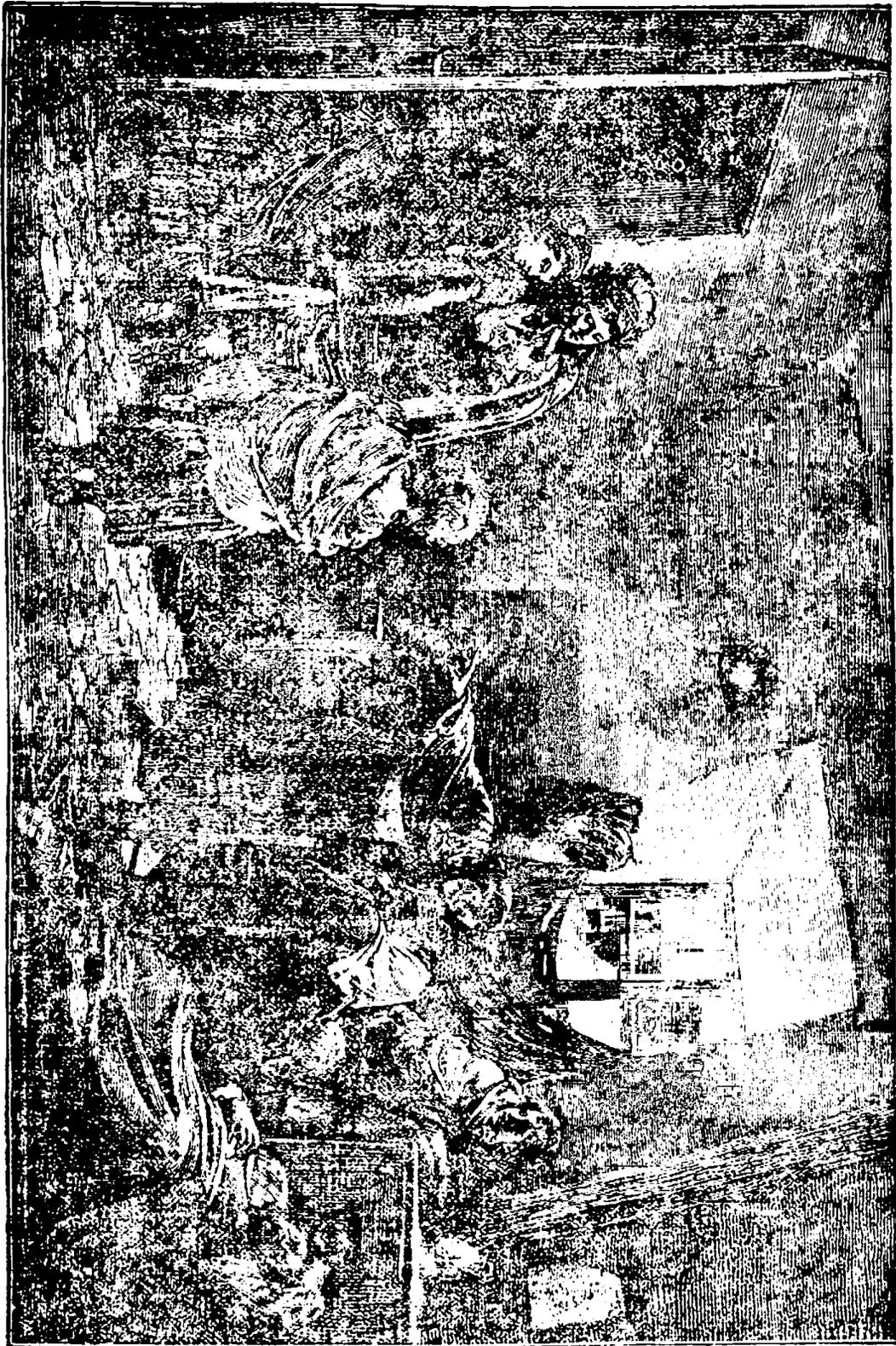
A EGREJA DOS CLERIGOS NO PORTO

quanto uns dizem que elle fallecera no caminho, antes de passar o Tejo, indo com El-Rei Dom Affonso henriques para a grande batalha do campo d'Ourique, em 1139; e outros dizem que elle fallecera depois d'aquella batalha, o que comprova a descripção, que se acha no seu tumulo, que marca a data do seu fallecimento na era de 1182, que vem a ser o mesmo anno de 1144 da era de Christo. Existe o seu sarchofago, ou tumulo, no mosteiro dos Benedictinos do Salvador

tendencias dos tempos modernos é cada um pensar como lhe apraz, seguir a religião, ou a seita, as ideas ou as doutrinas que mais lhe agradem...

quer religião, nem Deus, nem Igreja? Está no seu direito; mas esse mesmo direito assiste aos jesuitas para serem diferentes, para serem filhos submissos da

rem impor a sua religião, querem civilisar? Vão para a Africa, para a Azia, para a America, há lá muito onde desempenhar essa m's-ã. Ali onde a ci-



AS ASSOCIADAS DE S. VICENTE DE PAULO NA MORADA DO POBRE

Outra asneira, e esta é das de marca registrada: Pois se os tempos são da liberdade, e de cada um pensar o que quer e o que quizer, porque é que o *joven*, não consente essa liberdade aos jesuitas? O *joven* quer ser atheu, não

Egreja. Que liberdade é essa que permite ao *joven* ser o que quizer, e obriga os outros a só pensar como elle? E' pois a segunda asneira. Continua o *joven* sabio: «Os jesuitas querem civilisar, que-

vilisação quasi ainda não chegou com o seu facto relemptor, ali sim, teem largamente onde pregar.»

«Luz?... Civilisação?... Que luz é essa, que civilisação é a que traz o jesuitismo?»

Faça alto, menino, mais de vagari-nho. O *joven* ou aprendeu mal o recado, ou quer apresentar-nos a terceira asneira. Entendamo-nos: então os jesuitas tem civilisação e luzes bastantes para irem na Africa, na Asia, e na America, onde a civilisação quasi não chegou, para ali levarem o facho redemptor; ou não tem luses nem civilisação, como o menino mostra nas suas tres ultimas interrogações? Se os jesuitas podem levar a civilisação á Africa, Asia e America, a civilisação de que a Europa já não carece, como diz o *joven*, para que pergunta que luz e que civilisação é a que trazem os jesuitas? E se elles não tem luses nem civilisação que espalhar, para que os manda civilizar tres partes do mundo?

Esta terceira asneira merece palmatoadas rijas.

Mas se vos admiraes, leitores, atendei, que o *joven* dá mais raia. Escutai-o:

«Chama-se luz a quem inventou a inquisição, chama-se civilisação a quem trouxe os autos de fé.....?»

Este pequeno falla como um papagaio mas, não sabe o que diz, não lhe chega a lingua. A quarta asneira vale por sete. Abstraindo, não reparando no bravo pontapé que o pequeno dá na grammatica, temos a maior palermice que jámais dissera um homem que nunca leu nem viu um livro. Pois tratando-se de jesuitas, a que vem a inquisição e as fogueiras?

O *joven* n'isto de historia é tapado como uma porta de pau santo. Nunca ouviu dizer que a inquisição foi creada ahí por mil duzentos e tantos, e que Santo Ignacio de Loyola, nasceu em 1491? Olhe que differença, nada menos de dois seculos e meio!! O menino sabe contar? Ora faça-lhe a conta, e verá que os jesuitas não tem nada com a inquisição. E com as fogueiras? O menino quer saber quem foi que atheou mais fogueiras, e que n'ellas queimou muitos jesuitas? Foi o seu idolo, o marquez de Pombal, o maior inimigo dos jesuitas. Fique sabendo que os carcereiros da inquisição serviram de prisão aos jesuitas, no n.º dos quaes se conta o grande P.º Antonio Vieira. Conhece-o? E as fogueiras dos autos de fé serviram tambem para tostar muito jesuita, como o Santo Padre Malagrida, que o marquez de Pombal mandou queimar. Conhece o Padre Malagrida?

O menino não conhece ninguem, nem sabo dois dedos de historia. Aposto dobrado contra singelo em como o meu caro *joven* nem um volume tem de historia, dos que publica a Bibliotheca do povo e das escolas, que custam cada um 50 réis. Não tem, pois não? Seja franco, que depois das asneiras que ahí aponto

não fica mal dizer até que nunca andou na escola.

Esta mania de crearem escolas sem darem livros aos rapases, era bem acabada. De que servem escolas se os *pequenos* não tem dinheiro para comprar livros!

Acontece como ao nosso *joven*; porque soube ler á lareira o repertorio do preto achou-se logo apto para *botar* artigo contra jesuitas, contra o Papa, contra o senso commum, contra a grammatica! e isto no seculo das luzes, e quando se não carece já de jesuitas!

E depois cá está o pobre do jornalista para ensinar as creanças, para lhe pegar pelas orelhas e pol-o á janella do escriptorio, do barrete de papel na cabeça, esposto á gargalhada dos outros garotos, porque deu raia, e raia grauda!

Acontecem-nos cousas! Para que pegamos nós na «Juventude»?

Elias de Sampaio.

Os nossos correspondentes

Carta de Maceira, concelho de Leiria,
27 de setembro de 1886

Sr. Redactor:

TRISTES, e bem tristes são para a Religião pura do Calvario os tempos calamitosos, que vamos atravessando. Essa seita maldita e satanica, tantas vezes excomungada, que resume todos os erros, os mais grosseiros e absurdos, do antigo paganismo, e todo quanto veneno ha sido vomitado em todos os tempos contra o catholicismo, para a qual, quem não for socialista, petroleiro, atheu, materialista, ultra-radical, livre pensador, revolucionario exaltado etc. não é nada, tem envidado todos os esforços para equiparar os homens aos irracionais, roulando-lhes por todos os modos ao seu alcance, todas as crenças, chamando-os á revolta contra as instituições de piedade, contra as auctoridades constituídas, contra tudo que respira honra, brio, patriotismo e sentimentos religiosos. Nos comícios, nas praças, nos cafés e na imprensa berram como energúmenos !!!

Mas, bendito Deus! como para grandes males se carecem de grandes remedios, o Ceu vem oppor a esta lava devastadora um dique mil vezes mais poderoso do que todas as potencias do inferno á disposição de tão execranda seita; e esse dique é a = *devoção aos Santissimos Corações de Jesus e Maria* = que deve baralhar e confundir todos os seus planos tenebrosos e detestaveis!

Assim o vemos verificado nas freguezias onde se acha estabelecida a = Santa Liga do Apostolado = Os cora-

ções, que d'antes se achavam entorpecidos pela descrença, agora obram prodigios de virtude, sentindo crepitar em sua alma as sagradas chammias d'aquelle amor divino. Não os assustam os apodos, criticas, zombarias e sarcasmos dos assalariados pela tal detestavel seita! E' que a devoção aos Santissimos Corações vem do Ceu, para converter a terra n'um paraizo, fazendo com que os homens pregostem já n'esto triste valle de lagrimas as delicias da bem-aventurança!

Algumas d'estas vantagens tem gosado e continua a gosar esta freguezia, onde teve lugar a festa em honra do Sagrado Coração de Jesus no dia 8 do corrente, que foi precedida d'um mez d'oração publica, tanto na matriz, como em quatro capellas, sempre muito concorrida, sendo feita de semana ao romper da aurora, e nos dias santificados pelo meio da tarde com o SS. exposto á bocca do sacrificio. O que tornou esta festa mais edificante e esplendorosa foram as communhões e offertas: aquellas foram 1150 e mais seriam se mais confessôres houvesse, e estas 349, que produziram cerca de 90,5000 reis em dinheiro e mais de 3 moios de alqueires de milho!

A procissão impunha-se pelo respeito, magestade e boa ordem, que n'ella reinava; abria-a uma grande quantidade de bandeiras, ricamente enfeitadas, conduzidas por crianças (anjos) bem como todas as offerteiras, vestidas de branco, levando todos pendente do pescoço, como unico adereço, o benti-nho do Sagrado Coração. A's crianças seguiam-se os zeladores e zeladoras com as suas respectivas insignias, uma philarmonica, offerteiras, andores, irmandades etc. formando tudo duas extensas alas de mais d'um kilometro. Após as irmandades, o Santissimo, uma outra philarmonica, e uma massa im-mensa de povo.

As ruas do Arnal, (logar proximo a esta igreja matriz, por onde passou a procissão) estavam decoradas com vistosos e encantadores arcos, quadros alusivos, coroas de verdura, flores, roupa etc. de tal sorte, que prendiam de-veras a atenção de quantos por alli passaram. Concluidos todos os actos religiosos foram de novo visitadas e admiradas por muita gente. Quando passava o SS. á porta de cada proprietario subia uma girandola de fogo: o que era d'um effeito maravilhoso.

Vendidas as offertas retirou-se tudo a suas casas sem ter havido um incidente desagradavel, uma perturbação da ordem, uma palavra que offendesse a moral publica, sem ter havido mais do que applausos por parte de todos os assistentes...

Deus abençoe estes trabalhos e per-

mitta que sejam unicamente para maior gloria d'Elle e salvação das almas.

Ahi fica, snr. redactor, um toscó esboço da festa que esta freguezia teve a honra de fazer ao Santissimo Coração de Jesus, e se v. entender que da sua publicação poderá resultar algum bem espirital para os seus leitores numerosissimos digno-se, depois de cortar, alterar ou redigir o que o precisar, fazel-o sair no nosso mimoso *Progresso Catholico* com o que lhe ficará muito grato o

De v. etc.

P.º Pereira.

GRACIA

OU A CHRISTÃ DO JAPÃO

(Continuado de pag. 173 do v. 8.º)

CAPITULO XVII

A familia de Justo

TODO embebido n'estas considerações chegou Justo a sua casa, na qual o esperava sua mãe, senhora de bastantes annos, viuva do guerreiro Tacayama, e tão fervorosa christã como seu filho.

Justo concentrava em sua mão todo o seu amor, queria-lhe como poucos filhos podem querer á sua, pois lhe devia duas vezes a vida; uma, por tello dado á luz, outra, por ter trabalhado para a sua conversão, e ter-lh'a obtido, precisamente quando por encontrar-se Justo na adolescencia, idade perigosissima por suas paixões e volubildade, parecia mais difficil conseguil-a.

Tacayama, guerreiro afamado teve, deoito annos antes de se darem estes successos, occasião opportuna de vêr e tratar com o Padre Vilolla, e tocado pela graça se converteu e baptizou solemnemente, tomando o nome de Dario. Sua esposa converteu-se tambem e ficou-se chamando Daria; a uma das suas filhas poz-se-lhe o nome de Monica, e ao filho, que devia continuar as façanhas guerreiras de seu pae, deram-lhe o nome de Justo, logo que consentiu em baptisar-se.

Contava então cerca de quinze annos, mas a graça produziu n'elle tão admiraveis effeitos, que pouco tempo depois começaram a contal-o no numero dos christãos mais fervorosos. E não podia deixar de ser assim, porque sua mãe, logo que recebeu a agua regeneradora, não se contentou com um mediano fervor, mas aspirou á perfeição, e porque sua irmã Monica por tal fórma se desprendeu das vaidades e so-

ducções do mundo, que Deus lhe concedeu a especial graça de tornal-a uma das primeiras religiosas, que a nação japoneza deu á Egreja.

Com estes sanctos auxilios, adjunctos ao exemplo edificante que lhe ministrava seu pae Dario, que viveu alguns annos ainda christãmente e muito mais christãmente morreu, pôde Justo seguir a carreira das armas sem que se entibiasse sua fé, mas ao contrario progredisse sempre e lograsse em pouco tempo collocar-se á frente dos piedosos fieis da nascente Egreja. Nunca ambicionou as elevadas posições, em que a Deus aprouve collocal-o, nem se ensoberbeceu com os favores e applausos, que do mundo recebia.

Seu unico empenho era em tudo concorrer, quanto podesse, para a maior gloria de Deus e melhor serviço de sua Egreja, de modo que, quando perdeu tudo, que em largos annos havia adquirido, nem por sombras o sentiu, nem por um instante o maguou.

Receou, todavia, que sua mãe, que era contentissima de vê-lo em um dos primeiros postos do Imperio, sentisse a sua demissão; receou, que a conturbasse mais ainda a confiscação de bens, que, segundo a praxe nacional, se seguiria ao desterro, e que ia pô-la na tristissima posição de mendigar sua subsistencia, e vacillou antes de dar-lhe a noticia; mas esta vacillação foi instantanea, porque confiando plenamente nos grandes sentimentos christãos de Daria, deslindou de prompto as difficuldades dizendo-lhe:

—Minha mãe, estamos pobres.

O Regento demittiu-me de todos meus empregos e acaba de desterrar-me para Junogima.

E' ponto decidido, segundo a praxe, que vós e todos os meus ficam sendo socios da minha desgraça.

—Que fizeste para merecel-a? perguntou Daria com ar severo a seu filho.

—Sêr fiel a meu Deus e á minha lei, respondeu Justo, e com singella naturalidade contou a sua mãe o succedido.

A proporção que Justo fallava, ia a velha animando-se e descarregando o severo sobrecênhô com que havia recebido a seu filho. Estava persuadida, que ao annunciar-lhe este, sua desgraça, que alguma questão politica, alguma intriga da corte lh'a havia causado, mas quando conheceu a verdade e soube que sómente o zelo pela religião christã era o motivo dos males que lhe annunciavam, levantou-se desesperadissima e exclamou:

—Pois antes quero ver-te pobre por Jesus, do que ver-te imperador do Japão sem Elle.

E sem poder conter-se estreitou

nos seus braços affectuosamente o filho.

Mãe e filho permaneceram assim longo tempo; afinal separando-se um pouco d'elle disse:

—Não era d'esperar outra cousa de tua virtude e do illustre sangue, que era por tuas veias.

O mesmo teria feito teu pae, que ao morrer muito se lamentava de não poder ter vertido seu sangue por Jesus, quando tantas vezes o havia derramado por imperadores e soberanos da terra nos campos da batalha.

—Não se trata agora de morrer, minha mãe.

—Quem sabe, Justo, para que Deus nos reserva; se por agora não é a morte, mas a pobreza o que Deus nos envia, bomdito Elle seja. Aceitemol-o como uma dadiva sua, alegres, e satisfeitos, guardemol-a como um thesouro e tornar-nos-he-mos assim dignos, de que o Senhor nos corôe com a palma do martyrio. Não ignoras, que nenhum dom de Deus deve desprezar-se, porque quem despreza um só que seja fica sem elle e sem os que após d'elle poderiam vir.

Assim fallava esta mulher, assim pensava a maioria dos christãos do Japão, para quem n'aquelles tempos era fervor heroico cousa trivialissima. Escusado é pois dizer, que se estes eram os sentimentos da mãe e do filho, os mesmos eram os do resto da familia.

Festejou se a dimissão e exilio de Justo como se costumava festejar seu regresso da guerra. Daria preparou um banquete, exhibiu na meza todas as riquezas da casa; a magnifica baixela; reservada para as grandes festas, as cinzeladas tabas de fulgente ouro, os admiraveis jarrões de porcellana com que o Regente havia presenteado a seu capitão, tudo, tudo se apresentou. Parecia que n'aquella casa e n'aquelle dia se celebrava alli um casamento, pois senhores e creados trajavam as suas melhores vestes. Mandou chamar Daria todos os pobres das casas contiguas e lhes distribuiu as provisões que tinha armazenadas, repartiu entre seus creados os objectos de maior preço como para recompesal-os dos serviços, que lhe haviam prestado, e quando os sicarios de Faxiba chegaram para intimar-lhe a ordem de marcha, em vez d'uma familia angustiada e lacrimosa, encontraram tal jubilo e tamanha alegria em todos os semblantes que ficaram sobremodo maravilhados e confusos.

Ainda que não era permittido aos proscriptos levar cousa alguma o official de guarda, encarregado de conduzir Justo, chegando-se a elle lho disse:

—Capitão, dai-me o que descejas conservar, que eu á chegada vol-o entregarei.

—Obrigado, respondeu Justo: o que desejo conservar é minha fé, mas essa levo-a comigo. E somente com o traje que trazia vestido sabiu o militar christão pra o exilio, por entre as lagrimas e saudades de seus antigos camaradas, que n'esta occasião sempre ousaram a precipitação do Regente, e considerar as ordens promulgadas contra seu capitão como um desgosto passageiro, que não traria consequencias.

Muitos christãos acompanharam n'ó até ao extremo da cidade; Constantino, porém, não tomou parte na comitiva. Em compensação Jecundono, bem que idolatra, impulsionado pela amizade, que consagrava a Justo foi-se despedir d'elle. «Olha se te recordas lhe disse, que já no mez de Março te predisse o que está succedendo actualmente. O Regente creou odio aos christãos, e não parará sem que vos anniquille e extermine a todos.»

—Não te espuegas também, respondeu-lhe Justo o que então te disse que o dia, em que me cortassem a cabeça, seria o mais feliz da minha vida.

Jecundono encarou seu amigo sem nada dizer, e quando viu, que se affastava, murmurou a sós consigo: «Decididamente os christãos são loucos» sem suspeitar sequer, que d'esta loucura estava cheia sua casa e infeccionados todos os seus.

(Continúa)

Versão do padre Lima.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

O Padre Jesuíta, La Colombiere

COM licença, srs. Vasques de Mesquita, Carvalho — «Cominbricenses», e toda a mais vasquite e Carvalhada, que de jesuitas vamos fallar.

O *Progresso Catholico* principiou o 8.º anno, dando na primeira pagina o retrato de um Jesuíta, o Revd.º Padre Carlos Rademaker, de inolvidavel memoria, e para que os Vasques e basbaques não julguem que, pelo facto de secularisarem a Capella da Aguardente, nós não queremos saber de jesuitas, damos, ao principiar o 9.º anno o retrato de um outro jesuíta.

E' mania nossa gostar do que os Vasques não gostam, e, contra uma mania quem se ha de oppor?

Damos, por tanto, o retrato lido do Revd.º Padre La Colombiere, o feliz que foi escolhido, para ser aquelle a quem a Beata Margarida Maria Alacoque, havia communicar o segredo que lhe arroubava o espirito, e que havia mais tarde, dois seculos depois, com-

municar-se a todos os bons filhos da Igreja, para produzir o extraordinario e deleriante culto que em todo o mundo se consagra ao SS. Coração de Jesus.

Foi o Padre La Colombiere, o confessor da Beata Alacoque, a quem ella primeiro narrara as palavras que escutara ao divino Salvador, e foi elle, por tanto, quem primeiro deu principio a essa devoção que hoje enthusiasma os povos de todas as cidades cultas, de todas as aldeias, de todos os lugares onde se pode erguer um altar consagrado ao Santissimo Coração de Jesus.

Ahi tendes, inimigos dos jesuitas e da sympathica devoção ao Coração de Jesus, o retrato do primeiro *roupeta* que trassou o plano da campanha formidavel, que hoje vos atemorisa, que vos faz vociferar contra tudo e contra todos, porque não sabeis d'onde vos vem o mal, porque não sabeis onde as nascentes d'essa agua christalina, onde se descendentam os povos, d'essa lava ardentissima onde vão alimentar-se os corações de todos os catholicos.

Fitae esse retrato, oh, impios, que é o retrato de um homem que vale mais que todos vós, porque é... um jesuíta.

II

A igreja dos Clerigos no Porto

Os Vasques do Porto só arremettam com as cousas pequenas, e mesmo pequenas, é com aquellas onde elles tem ingerencia, por haver catholicos de tão boa fé que os deixam entrar nas irmandades e confrarias, que os deixam cobrir uma opa.

Desde 1763, ha mais de um seculo, que a magnifica igreja dos Clerigos se eleva no alto da mais bella rua da cidade da Virgem, e, bouemos a Deus, durante tantos annos, não foi possivel ainda aos Vasques, basbaques e companhia, derrocar tão elegante monumento; antes pelo contrario, e como um protesto ás demasias dos arroaceiros, os catholicos portuenses restauraram agora o interior do templo, pintando-o ricamente, collocando-o a par dos templos melhor reparados do estrangeiro.

Porque não foram lá fazer uma escola pombalina os petroleiros da Aguardente? porque não derrocaram o secular monumento? porque não secularisaram a igreja dos Clerigos?

Ainda bem que nós os catholicos, ao bandalico e torpissimo feito dos homens das ruas, ao humilde templosinho profanado, antepomos o magestoso templo reparado; ao pobre altar demolido apresentamos a arrogante architectura do melhor templo do Porto: ao saque sacrilego, os rendimentos bem applicados de uma corporação respeitavel.

Estamos vingados, *rasquissimas* creaturas!

III

As associadas de S. Vicente de Paulo na morada do pobre

Eis-nos diante de um quadro que arrebatá, que commove, que edifica, que faz verter lagrimas de fondo contentamento.

Duas associadas na conferencia de S. Vicente de Paulo, em noite frigidissima de inverno, envoltas em custosas vestes orladas de pelles de alto preço, percorrem as casas dos pobresinhos que lhe estão confiados.

Entram n'uma mansarda, é a primeira vez que alli entram, porque á direcção da conferencia só n'aquelle dia havia chegado a noticia de que uma familia luctava com todos os horrores da fome e da doença.

As duas jovens, ricas, de uma familia onde a abundancia mora, param horrorisadas diante do quadro que a nossa gravura representa.

O chefe da casa, velho, doente, jaz em pobres palhas: a mãe, conchega ao seio um pequeno filhinho, enganando-o, e o resto da familia, coberta de andrajos, e com a fome desenhada no rosto, lieta abismada ao recém-chegado.

O que se passou alli, onde a dor morava, não o podemos nós descrever; mas foram tantos os beijos dispensados ás creancinhas, tantas as palavras de paz e consolação dirigidas ao doente, tantas as esperanças resuscitadas em todos aquelles corações opprimidos pela miseria, que, desde esse dia, não mais a tristeza alli morou.

A bolsinha das duas formosas filhas da caridade despejou-se no regaço da pobre mãe, as filhas foram admittidas no dia seguinte n'uma casa de trabalho honrado e lucrativo, a creança mais velha entrou n'um collegio, e todas as noites os dois sanjos penetravam na mansarda, onde já não havia miseria, onde a doença já não morava, onde a abundancia crescia.

Oh! salve, divina instituição! salve conferentes de S. Vicente de Paulo, que vós só, com a vossa caridade sem ruído, fazeis mais que quantos filantropos por ahí dão socorros ao estrondo dos foguetes, aos hymnos das filharmonicas!

Admire-se o quadro que a nossa gravura representa e bem diga-se mais uma vez a conferencia de S. Vicente de Paulo.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



ESTÁ de luto o *Progresso Catholico!* Uma das pessoas que mais se interessavam pela nossa Revista e de que eramos também amigos, deixou a terra para voar á mansão celeste a viver onde os anjos moram.

D. Carolina Augusta de Souza, já não existe! Depois de longos soffrimentos, e quando estava em vespéras de ver realizados seus mais ardentes desejos, chamou-a o Senhor, no dia 2 de outubro.

Era uma alma toda dedicada á piedade, á oração e á caridade. Os seus desejos eram cobrir-se com o habito monastico, e vimol-a n'um convento em Aveiro, e depois, para satisfazer os desejos de sua alma e não macular as leis da sua patria, foi-se para Hespanha, desprendendo-se dos braços de sua virtuosa irmã, para noviciar n'um convento, esperando o dia em que havia cobrir-se com o habito da Seraphina do Carmello, em que havia chamar-se filha da santa fundadora das Carmelitas Descalças.

Quando o cholera invadiu a Hespanha estava a nossa dedicadissima amiga em Barcelona, e lá foi atacada pela terrivel molestia, que não pode vencer-a, mas que deixou sempre doente, sempre com as forças aquebradas, sempre a viver da esperança de se desposar com Jesus.

O dia feliz chegou, foi o 2 do corrente. Rodeada de suas irmãs, recebeu todos os sacramentos, vestiu o habito de religiosa, professou solemnemente, e lá foi receber o premio de suas virtudes. Morreu como sabem morrer os justos, porque D. Carolina de Souza possuia a alma dos justos.

Não conseguiu o seu intento principal, que era fundar n'uma das suas grandes casas uma ordem carmelitana, e foi para isto que ella abandonara a patria, porque só longe d'ella podia fazer a sua profissão de esposada de Christo. Lastimamos a perda de tão boa senhora, é, n'esta hora, quando as lagrimas nos sulcam as faces, accusamos os governos de Portugal de haverem assassinado a religiosa senhora.

Deus, porem, que tem hoje sua alma na gloria eterna, ha-de fazer que os desejos da virtuosa carmelitana se realisem n'este maldadado paiz, ha-de dar resignação á virtuosissima irmã da finada, e ha de permitir que a alma de D. Carolina de Souza, seja medianeira nossa na Bemaventurança, para que nós

tenhamos forças e vontade para defender e ajudar as grandes e sublimes voações que se vão desenvolvendo em Portugal para a vida monastica.

N.º Ex.ª Sr.ª D. Elvira a manifestação do nosso fundo pesar pela morte da irmã querida, e a todos os leitores rogamos incarecidamente offertem suas orações como suffragios pela candida alma que voou ao ceo.

No proximo n.º fallaremos de outros nossos irmãos fallecidos de que á ultima hora tivemos noticia.

J. de Freitas.

RETROSPECTO DA QUINZENA

TIVEMOS o prazer inesperado de receber a honrosa visita da ex.ª Sr.ª D. Eduarda Augusta Pereira Pinto d'Almeida Vasconcellos de Queiroz, fidalga distincta e pertencente a uma das mais nobres casas da Beira Alta, leitora e amiga do *Progresso Catholico*. S. Exc.ª estava a banhos em Vizella em companhia de uma gentil menina, sua filha, e vindo a Guimarães não se esquecera de visitar-nos, o que mais uma vez agradecemos, fazendo votos ao Céu porque as termas de Vizella produzam o effeito desejado.

Com prazer noticiamos também a visita que tivemos dos Exc.ªs Srs. Luiz de Carvalho Pinheiro, Antonio Joaquim da Cunha Guimarães e Bento Gonçalves de Queiroz, amigos todos da nossa Revista, e nossos por consequencia.

Foi dia dô festa nos Paços Archiepiscopales de Braga, e em toda a archidiocese, no dia 16 do corrente, por ser o anniversario natalicio do nosso bondoso Prelado o Exc.ª e Rev.ª Sr. D. Antonio José de Freitas Honorato.

Associamo-nos ás alegrias de todos os bons filhos da Igreja Bracarense, e cumprimentamos reverentes o venerando Primaz das Hespanhas, rogando a Deus nos dê a consolação de muitas vezes narrar tão fausto acontecimento.

Damos hoje a traducção da Encyclica que S. Santidade o Papa dirigira aos Prelados de Portugal, cujo original nos foi enviado pela secretaria da Nunciatura em Lisboa, graça e distincção que muito agradecemos ao illustrado e venerando Prelado que representa o N.º SS. Padre n'estes reinos.

Quando concluida daremos também a carta collectiva que os Bispos Portuguezes dirigiram ao Santo Padre, e que motivara a Encyclica que hoje principiamos a publicar.

E' um documento que bem mostra

o alto sabor do Vigario de Jesus Christo. Leia-se e medite-se.

Não é mal empregado, podem crel-o, o dinheiro que se dá ao Papa. Em luxuosos bailes, em caçadas aparatosas, em opiparos banquetes não é elle gasto.

O Papa gasta o pouco que tem em obras de caridade, como fez á pouco, enviando dois contos de reis para as victimas dos tremores de terra da Peleponesia, e para as christaudades de Tonkim, victimas de grandes perseguições fez enviar igual quantia.

Ora aqui tem os que gastam dinheiro em grizetas e fogos de vistas, no que o Pae dos fieis gasta o que tem.

O assassino do Bispo de Madrid, o irm.º Galleotte foi condemnado á morte, bem contra vontade da irmandade que o queria fazer passar por doido. Fez-se justiça, e ainda bem que se fez. Pode a fera bruta ser indultada, pode, mas o tribunal fez o seu dever, pelo que o felicitamos.

Mas custou! Em poucos dias condemnou-se á morte o brigadeiro Villacampa e seus companheiros na ultima revolta, mas o Galleote levou muitos mezes. E mais Villacampa tinha por si toda a Hespanha, e tinha uma filha que regara com lagrimas as escadas dos palacios dos grandes da capital de Hespanha, que chorava pelo pae, que não queria ficar sem arrimo; Galleote tinha a indignação publica, tinha a Hespanha, a Europa, o Mundo a detestá-lo, e depois d'isto mais nada; ninguém se condoia d'ello porque era um preverso, um assassino, um sacrilego.

Por elle tinha só quem é como elle, os irm.º; mas d'esta vez o tribunal calcou o avental e fez justiça. Honra lhe seja.

No *Imparcial de Coimbra* lia-se não ha muito a seguinte noticia:

«Vae ser removida do celebre convento de Lorrvão para o das Therezinas d'esta cidade a ultima freira que alli existe, e que ha muito se acha docente, o com as suas faculdades intellectuaes gravemente affectadas. E' uma senhora d'avanzada idade.

O historico e notabilissimo convento de Lorrvão vae ser considerado extinto.

O governo ordenou ás auctoridades locais que tomassem todas as providencias para obstar ao descaminho de quaesquer objectos e assegurar os direitos da fazenda nacional aos respectivos bens.

O magestoso e grandioso templo será provavelmente convertido em egre-

ja matriz, pois a actual é de acanhadas dimensões.

Era realmente pena que se fecho-se ao culto divino um templo tão notavel, o unico—se não nos enganamos—que n'aquelle genero existe em Portugal.»

O jornal conimbricense lastima que um templo tão notavel se fecho-se ao culto divino! Louvamos o muito agradecemos o lastimar do periodico de Coimbra, porque é realmente uma pena ver desviar do fim para que foram edificadas os templos venerandos, que nossos maiores nos legaram; mas, diga nos, sr. *Imparcial de Coimbra*, assim como custa ver roubar ao culto um templo, não custa ver tirar á devoção, á piedade, á vida contemplativa do claustro, o mosteiro?

Quem auctorizou os governos a profanar os templos? quem lhes deu o direito de derrocar os altares, abater a cruz n'elles erguida, para em lugar de altares collocar mezas de jogo, e em lugar da cruz hastear a tabella porque se rego uma casa de devassidão? De certo que ninguem a isso os auctorisa, porque as leis, quando injustas são letra morta, e só se executam pela prepotencia.

Com os conventos da-se o mesmo caso. Profanar uma casa destinada á vida claustral, arrojá-l'ella as virgens do Senhor, para em seu logar gazalhar soldados, piquetes de empregados publicos, ou dar-lhe qualquer outro destino, é o mesmo que aperrar ao peito do viajante um bacamarte em caminho deserto e dizer-lhe:—ou a bolsa, ou a vida.

As leis que extinguem as Ordens religiosas são o mesmo que o bacamarte do bandido.

Não é só em Portugal que se fazem ovações e festas aparatosas aos tyranos, aos inimigos da Ordem e do bem estar da sociedade. Tambem na Italia se faz o mesmo, o que não deve admirar-nos porque ambos os paizes se governam pelas mesmas leis.

Confirma isto o ter-se feito, julgo que em Roma, a trasladação dos ossos do cidadão Lucatelli, que em 1861 fora enforcado por ter assassinado um gendarme pontificio. Por esta occasião fizeram-se manifestações ruidosas, discursos bombasticos, deram-se morras á Egreja e a tudo que ha de mais sagrado. Fez-se do tyranno do assassino um heroe!

O nosso collega madrileno, *La Illustracion Espanola y americana*, fallando d'esse facto, diz, muito judiciosamente o seguinte:

«Vae-se rebaixando muito a classe

dos heroes, e tanto que se isto continua, não aspirará a ser heroe nenhuma pessoa regular. Heroes como o que se quis fazer, quer-nos parecer que se encontram aos montes, nos carcerees e nos presidios.»

E diz bem!

Foi-nos enviado o *Relatorio e Contas da Associação auxiliar da Missão Ultramarina*, apresentado em assemblea geral em outubro de 1886.

Muito agradecemos o favor da offerta d'un exemplar d'este Relatorio. Por elle tivemos o prazer de ver o estado esperançoso d'asta benemerita associação, á testa da qual se acha uma commissão de senhoras das mais respeitaveis da capital, e de cavalheiros bem conhecidos por seus sentimentos religiosos.

O fim d'esta associação é educar religiosas para irem no ultramar exercer o professorado, tendo o primeiro instituto em Carnide, d'onde já o anno passado saíram tres Irmãs com destino á Missão de Moçamedes—Huilla.

Santa instituição, e de que se hade colher abundantes fructos. Oxalá que o paiz, o paiz official, e os catholicos portuguezes auxiliem esta obra, é o que nós desejamos com a boa vontade com que saudamos a illustre commissão.

Communicam-nos de Cintra a seguinte grata noticia:

«Commemorando a inauguração de uma estatua de Nossa Senhora da Conceição de tamanho natural, que se encontra em um dos mais espaçosos largos, da sua quinta, como costuma, distribuiu o sr. Marquez de Vallada, um bôdo aos pobres, no dia 3 do mez corrente.

Defronte da imagem costuma s. ex.ª mandar preparar e estender a meza, onde já vimos reunidos uns 54 indigentes; e são damas e cavalheiros das suas relações, a quem s. ex.ª incumbe de servir os filhos da miseria. Uma circumstancia tocante e evangelica.

E' esta uma festa que grande numero de pessoas procura vêr, e sempre esperada como a mais notavel de caridade que em cada verão, se faz em Cintra.

Ha sempre musica, e a quinta—uma das mais pittorescas da localidade—está liberrimamente franca a quantos a visitem.

Este anno á hora em que começava a dar-se o bôdo, cairam fortes chuvinhos.

O nobre marquez mandou abrir o salão nobre do seu palacio, e ali foi distribuida a refeição.

Os primeiros pratos foram offerecidos pelo exc.º conde da Ribeira Gran-

de, e pelo prior da freguezia. A estes sogniram-se outros cavalheiros presentes, e o sr. marquez, que se mostrou, por vezes, de uma tocante caridade para com um ou outro invalido mais impossibilitado.

Apesar da intemperie do dia, a concurrencia de visitantes, foi notavel e numerosa.

Vimos ali damas da alta aristocracia, e cavalheiros muito distinctos.»

A peregrinação que nos dias 17 e 18 de agosto saiu de Pariz com destino a Lourdes, em dous comboys, compunha-se de mais de 700 enfermos, 5 Irmãs de Caridade 20 sacerdotes, e um numero consideravel de creados, enfermeiros, etc. etc.

Os Srs. Arcebispos de Cagliari e Verdim presidiam a tão poetica caravana, e as ultimas noticias dão já uma infinidade de curas obtidas por intermedio da SS. Virgem de Lourdes.

O que se não deve esquecer, é que esta numerosa peregrinação foi organizada em Pariz, e não em terras do Paio Pires, onde os nossos *illustrados* julgam que só se falla em Lourdes. Pois Foi de Pariz, que saíram mais de 1000 peregrinos para a montanha santa de Lourdes!

Já nos esquecia dizer que tivemos o prazer de receber em nossa casa as Irmãs dos pobres, de Farejinhãs, e que por ellas soubemos que vae sendo prospero o estado da casa de caridade e instrucção que ellas dirigem e sustentam á custa de esmolos, nas asprezas da Beira Alta, com o que muito folgamos, e de novo pedimos o melhor acolhimento para ellas por parte de todos os nossos leitores, quando ellas se apresentem. Mas lembramos que, quando as não conheçam lhes façam apresentar os honrosos documentos que trazem, dados pelos diversos Prelados do paiz, para não serem victimas de alguma mistificação, como tem sido algum menos precavido. Adianta d'estas santas mulheres anda uma outra, que umas vezes se diz da mesma casa de Farejinhãs, outras vezes procura desacreditar as ditas Irmãs, fazendo persuadir e quem a escuta que ellas não são o que aparentam e trinta outras traçaças.

Esta mulher esteve em nossa casa na mesma occasião em que estiveram as boas Irmãs dos pobres, e nós mesmo lhe ouvimos o que se não deve nem pode dizer das Irmãs de Farejinhãs. Anda vestida de preto, e pede para desaggravar o SS. Sacramento, empregando uns modos e palavriados que repugnam a todos.

E' bom conhecê-la para evitar mistificações.

J. de Freitas.